

PRÁTICA CINECLUBISTA: O CINEMA COMO FERRAMENTA PARA DESENVOLVER HABILIDADES CRÍTICAS E FORMATIVAS

Laura Beatriz Peixoto Paiva ¹

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar tem como papel basilar a formação de cidadãos críticos e conscientes para atuarem de forma ativa na sociedade. Desse modo, é importante que os estudantes construam conhecimentos e desenvolvam tais habilidades de maneira contínua em todas as etapas do ensino básico.

De acordo com Libâneo (1996, p. 26):

A escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação e transformar-se num lugar de análises críticas e produção da informação, onde o conhecimento possibilita a atribuição de significado à informação. Nessa escola os alunos aprendem a buscar a informação (nas aulas, no livro didático, na TV, no rádio, no jornal, nos vídeos, no computador etc.) e os elementos cognitivos para analisá-la criticamente de darem a ela um significado pessoal.

Sob essa perspectiva, encara-se a utilização do cinema como instrumento pedagógico, tornando-se uma metodologia detentora de um enorme potencial para utilização em sala de aula. Sabe-se que as produções audiovisuais são capazes de trazer realidades, histórias e contextos produzidos a partir de diferentes óticas para o telespectador, logo quando inseridas na escola pode vir a ser um instrumento mediador² sagaz na construção do conhecimento.

É indiscutível que viabilidade da penetração do cinema no ambiente escolar devido ao acesso amplo, de fácil uso e baixo custo, possibilitou a criação de diversas iniciativas dentro dos contextos escolares do Brasil (Fresquet, 2013), este é o caso do Projeto de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) intitulado “Práticas cineclubistas na escola da infância” realizado no Núcleo de Educação Infantil (NEI-CAP/UFRN). Tal projeto é difundido popularmente como CI(NEI)CLUBE e tem como objetivo promover ações que envolvam a mídia-educação.

É válido ainda destacar que a denominação popular do projeto faz alusão ao termo Cineclubes, sendo este desde os primórdios espaços democráticos, educacionais e sem fins

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - RN, laura.paiva.017@ufrn.edu.br.

² Vygotsky, 1991.

lucrativos que além de promover a experiência de assistir diferentes obras cinematográficas, também abre portas para relevantes concepções e discussões acerca do produto exibido.

Para mais, Fantin (2011) fomenta a reflexão na relação existente entre criança e cultura. Cinema é cultura, atualmente, o cinema é uma forma popular de entretenimento e diversão, ele estimula a imaginação das crianças. Apesar disso, também pode ser uma ferramenta educativa valiosa para crianças não apenas para o seu desenvolvimento formativo, mas também lições de vida, valores e comportamento por meio dos personagens e suas ações exibidas na tela, despertando questionamentos sobre temas complexos, como amor, amizade, justiça e igualdade.

Por fim, compreende-se que a prática cineclubista no contexto escolar faz compreender o quão é fundamental é o papel do professor nesse processo, pois cabe primordialmente a ele ambiente, gerar um ambiente propício para a construção dos saberes. Apenas ao adotar “determinados comportamentos e atitudes em face das tecnologias (Folque, 2011, p. 09)” é que haverá um exercício pedagógico significativo para o aluno, capaz de gerar experiências através da atividade desenvolvida.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para alcançar os objetivos deste estudo, adotamos uma abordagem de pesquisa qualitativa e exploratória, baseada em um estudo de caso único. A pesquisa foi conduzida no Núcleo de Educação da Infância (NEI-CAP), localizada no município de Natal/RN, onde o uso de cinema na sala de aula é uma prática pedagógica estabelecida. A coleta de dados será realizada por meio de múltiplos métodos, incluindo observações participativas em sala de aula, diálogos com professores e alunos, análise de documentos curriculares e registros audiovisuais de aulas que incorporam filmes como recurso didático. A análise de dados será conduzida por meio da técnica de análise de conteúdo, permitindo a categorização e interpretação dos dados coletados, com ênfase na identificação de práticas pedagógicas bem-sucedidas, desafios enfrentados e o impacto percebido do uso de cinema no desenvolvimento formativo e cultural dos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ação desenvolvida no dia 13 de setembro de 2023 pelo CI(NEI)CLUBE teve como objetivo promover a conscientização sobre a síndrome de Down. Para tal, foi exibido o

curta-metragem brasileiro “Marina não vai à praia” do diretor Cássio Pereira dos Santos. A exibição foi realizada no auditório do NEPI (prédio anexo ao NEI-Cap) e envolveu as turmas do 2º e 3º vespertino do mesmo.

O curta-metragem em questão traz como protagonista Marina, uma jovem com síndrome de down que possui o sonho de conhecer a praia. Em determinado momento da trama, ela percebe a oportunidade de realizá-lo durante a viagem de formatura da sua irmã mais velha, mas não consegue a permissão de ir por parte de sua mãe, alegando que não havia dinheiro para as duas viajarem. Ao final da trama, ela consegue ir à praia escondida, após tentativas não bem sucedidas de angariar o valor necessário para a viagem, a jovem resolve ir escondida, logo descoberta pelo namorado de sua irmã que logo se torna o seu ajudante.

Após o filme, ocorreu uma roda de discussões com atividades interativas que permitiam aos participantes compartilhar suas concepções do que foi assistido, sendo esta uma troca sincera e aberta sobre a realidade mostrada no filme. Para contribuir com o momento, também houve a presença do convidado Frederico Filho, chef de cozinha e ex-aluno com síndrome de down do NEI-Cap.

Nesse momento, pautas importantes são postas à tona, no filme torna-se evidente que a barreira que dificultava o sonho de Marina se dava devido a visão que as pessoas ao seu redor tinham acerca da sua deficiência, pois até então ela era vista como uma jovem diferente das outras e que não possuía as mesmas necessidades. Sendo assim, foi possível apontar e problematizar com os envolvidos na ação, como ainda há um paradigma presente na sociedade, até mesmo em ambiente familiar, como é o caso de Marina. Os pais de indivíduos com deficiências, de modo geral, tendem a buscar e se esforçar para o desenvolvimento dos seus filhos, contudo, quando se desenvolvem e conquistam sua autonomia, acabam ainda sendo tratados como crianças.

Levando em consideração a faixa etária dos alunos das turmas que participaram da sessão, nota-se a relação da mídia-educação enquanto possibilitadora de experiências e potencialmente capaz de romper estereótipos, pois é nessa fase da vida que a criança forma sua personalidade, experimentam do convívio social e exercem diferentes funções enquanto sujeito e cidadão em formação (Perroti, 1982).

Para mais, a potencialidade do cinema enquanto artefato pedagógico mostrou-se como relevante que em 2014, após muita luta, foi firmada pela lei 13.006, a qual abre as portas da educação básica brasileiro para filmes, especialmente de produção nacional. É inegável afirmar a lei 13.006 como fundamental, hoje há uma alta incidência de crianças de todas as idades que possuem acesso a filmes, desde sites abertos até plataformas de streaming, contudo

não é comum o consumo das produções nacionais. Desse modo, a criança brasileira acaba não conhecendo e valorizando a própria cultura, fato este que a promulgação desta lei é capaz de iniciar uma longa jornada de combate.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas cineclubistas nas escolas têm o poder de enriquecer o ambiente de aprendizado, proporcionando aos alunos uma oportunidade única de explorar o mundo do cinema, uma forma de expressão artística e cultural rica e diversificada. Ao assistir e discutir filmes, os estudantes podem desenvolver habilidades críticas de análise, pensamento reflexivo e compreensão cultural, que são cruciais para sua formação como cidadãos conscientes e informados. Além disso, o cinema pode ser uma ferramenta poderosa para engajar os alunos em discussões sobre questões sociais, éticas e morais, promovendo a empatia e a compreensão das diferentes perspectivas presentes na sociedade.

Além disso, os cineclubes escolares também podem ser um meio eficaz para promover a inclusão, a diversidade e a expressão criativa dos alunos. Ao escolher filmes que representam diversas culturas, identidades e experiências, as escolas podem criar um ambiente inclusivo que celebra a diversidade e respeita a individualidade de cada estudante.

Palavras-chave: Práticas cineclubistas; Mídia-educação; Contexto escolar; Desenvolvimento formativo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei no 13.006, de 26 de junho de 2014.** Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: MEC, 2014.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação:** reflexões e experiências com professores de Educação Básica dentro e fora da escola. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2013.

FOLQUE, Maria da Assunção. Educação Infantil, tecnologia e cultura. **Revista Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 28, p. 8-11, 2011.

FANTIN, Mônica. **Crianças, cinema e educação:** além do arco-íris. São Paulo: Annablume, 2011.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia, Ciência da Educação?** Selma G. Pimenta (org.). São Paulo; Cortez, 1996, p. 12.



PERROTTI, Edmir. A criança e a produção cultural. In: ZILBERMAM, Regina (Org). **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1982. p. 9-27.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 191p.